



KANT E A RELIGIÃO NOS LIMITES DA RAZÃO

Kant and the religion within the boundaries of reason

Antonio Djalma Braga Junior¹

RESUMO: A relação entre fé e razão tem sido um tema central nos debates filosóficos e teológicos ao longo dos séculos. A busca por conciliar essas duas dimensões da experiência humana tem desafiado pensadores de diversas tradições e escolas de pensamento. Nesse contexto, a contribuição de Immanuel Kant se destaca como uma das mais influentes e provocativas. Sua obra *Religião nos limites da simples razão* (**RGV**) emerge como um ponto central de análise nesse tema. Neste artigo, exploraremos a visão kantiana sobre a relação entre fé e razão, com ênfase na **RGV**, a fim de compreender a perspectiva única que Kant oferece nesse debate. A importância de Kant nesse contexto reside em sua tentativa de conciliar a fé e a razão, superando dicotomias simplistas e promovendo uma abordagem complexa e cuidadosa. O objetivo deste artigo é oferecer uma análise crítica e interpretativa das ideias de Kant sobre a relação entre fé e razão, com base na **RGV** e em diálogo com outras obras relevantes do autor. Além disso, examinaremos interpretações contemporâneas de estudiosos kantianos, a fim de avaliar a relevância e o impacto contínuo das reflexões kantianas nesse campo.

PALAVRAS-CHAVE: Fé; Razão; Religião; Filosofia Crítica; Kant.

ABSTRACT: The relationship between faith and reason has been a central topic in philosophical and theological debates throughout the centuries. The quest to reconcile these two dimensions of human experience has challenged thinkers from various traditions and schools of thought. In this context, the contribution of Immanuel Kant stands out as one of the most influential and thought-provoking. His work *Religion within the Boundaries of Mere Reason* emerges as a focal point of analysis in this field. In this article, we explore Kant's view on the relationship between faith and reason, with a particular emphasis on this work, in order to comprehend the unique perspective he offers in this debate. Kant's significance lies in his attempt to reconcile faith and reason, surpassing simplistic dichotomies and promoting a nuanced and careful approach. The aim of this article is to provide a critical and interpretative analysis of Kant's ideas on the relationship between faith and reason, drawing from *Religion within the Boundaries of Mere Reason* and engaging with other relevant works by the author. Furthermore, we examine contemporary interpretations by Kantian scholars to evaluate the continued relevance and impact of Kant's reflections in this field.

KEYWORDS: Faith; Reason; Religion; Critical Philosophy; Kant.

¹ Doutor em filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: antonio.djalma@hotmail.com

A relação entre fé e razão tem sido um tema central nos debates filosóficos e teológicos ao longo dos séculos. A busca por conciliar essas duas dimensões da experiência humana tem desafiado pensadores de diversas tradições e escolas de pensamento. Nesse contexto, a contribuição de Immanuel Kant se destaca como uma das mais influentes e provocativas.

Kant, um dos filósofos mais renomados da tradição ocidental, dedicou-se de maneira profunda à investigação da razão humana, da moralidade e da religião. Sua obra *Religião nos limites da simples razão (RGV)*² emerge como um ponto focal de análise nesse campo de estudo. Neste artigo, exploraremos a visão kantiana sobre a relação entre fé e razão, com ênfase na mencionada obra, a fim de compreender a perspectiva única que Kant oferece nesse debate.

A importância de Kant nesse contexto reside em sua tentativa de conciliar a fé e a razão, superando dicotomias simplistas e promovendo uma abordagem complexa e cuidadosa. Em suas obras, como *Crítica da Razão Pura (KrV)*³, *Crítica da Razão Prática (KpV)*⁴ e *Fundamentação da Metafísica dos Costumes (GMS)*⁵, Kant estabelece fundamentos filosóficos sólidos para discutir a relação entre essas duas facetas da experiência humana. Ao examinarmos suas contribuições, buscamos enriquecer a compreensão contemporânea desse tema relevante.

No presente estudo, dedicaremos especial atenção à obra **RGV**. Nessa obra, Kant investiga a natureza da religião e sua relação com a razão, delineando as fronteiras dentro das quais a razão pode operar na esfera religiosa. Com uma análise detalhada dos argumentos e teses apresentados por Kant, exploraremos como ele aborda questões centrais, como a existência de Deus, a natureza da fé e os limites da razão.

O objetivo deste artigo é oferecer uma análise crítica e interpretativa das ideias de Kant sobre a relação entre fé e razão, com base na **RGV** e em diálogo com outras obras relevantes do autor. Além disso, examinaremos interpretações contemporâneas de estudiosos kantianos, a fim de avaliar a relevância e o impacto contínuo das reflexões kantianas nesse campo.

² Aqui utilizaremos as abreviaturas das obras de Kant seguindo a forma da Edição da Academia (AA – Akademie Ausgabe). Por isso, sempre que nos referirmos a essa obra, utilizaremos a abreviatura **RGV** – *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft – A religião nos limites da simples razão* (AA 06).

³ Cf. **KrV** – *Kritik der reinen Vernunft* (Originalpaginierung A/B) – Crítica da razão pura (paginação original A 1781, B 1789) (AA 04).

⁴ Cf. **KpV** – *Kritik der praktischen Vernunft* – Crítica da razão prática (AA 05).

⁵ Cf. **GMS** – *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten* – Fundamentação da metafísica dos costumes (1785) (AA 04).

Ao avançarmos na compreensão da perspectiva kantiana sobre a relação entre fé e razão, esperamos contribuir para o enriquecimento do diálogo contemporâneo sobre essa temática. Ao mesmo tempo, pretendemos oferecer insights que possam inspirar pesquisas futuras nessa área, a fim de promover uma compreensão mais aprofundada e crítica desse importante tópico filosófico e teológico.

1. Kant e o período pré-crítico

O pensamento pré-crítico de Kant se desenvolveu durante seus anos como estudante e professor na Universidade de Königsberg. Kant nasceu em 1724 em uma família pobre, mas teve a sorte de receber uma educação sólida e bem estruturada. Seu pai, um artesão, valorizava a educação e incentivou Kant a estudar na universidade.

Kant estudou teologia, filosofia, matemática e ciências naturais na Universidade de Königsberg, onde também trabalhou como professor particular para ganhar a vida. Durante seus primeiros anos como professor particular, Kant foi conhecido por sua elegância e habilidade em ensinar, e conseguiu estabelecer uma reputação como um dos melhores professores particulares da cidade.

Os primeiros escritos de Kant refletem sua formação acadêmica, e muitos deles são trabalhos teológicos e filosóficos que buscam reconciliar as ideias da filosofia escolástica com as ideias dos filósofos modernos, como Descartes, Leibniz e Locke. Esses escritos mostram que Kant estava interessado em questões como a natureza da realidade, a relação entre a mente e o mundo, e a existência de Deus.

No entanto, foi somente depois de sua leitura de Hume que Kant começou a desenvolver sua filosofia crítica. A obra de Hume fez Kant perceber que muitas das suposições comuns da filosofia, como a ideia de causa e efeito, não poderiam ser justificadas por meio da razão pura. Isso o levou a desenvolver sua teoria da síntese transcendental, que postula que nossas experiências são organizadas por certas estruturas mentais inatas.

Assim, o pensamento de Kant foi moldado basicamente por duas fases: o período anterior à publicação da *Crítica* (**KrV** de 1781), chamado de *período pré-crítico*, e o período posterior à publicação da *Crítica*, denominado de *período Crítico*. Nesse período *pré-crítico* podemos perceber um Kant que se apresenta inicialmente como um racionalista dogmático, influenciado pelas teorias de Leibniz (até 1755) e posteriormente um Kant influenciado pelas obras de Hume, se apresentando como um cético desse

racionalismo (sobretudo a partir da leitura em 1763); Kant inicia sua crítica à metafísica dogmática e às provas suprassensíveis da existência de Deus a partir de 1763. Nesse período, Kant publicou a obra *Ensaio para Introduzir a Doutrina Racional dos Dogmas Metafísicos*⁶, na qual ele questiona as provas ontológicas tradicionais para a existência de Deus. Nessa obra, Kant argumenta que a existência de Deus não pode ser demonstrada puramente através de raciocínios conceituais ou meramente lógicos.

Em 1766, Kant publicou a obra *Sonhos de um Visionário Explicados pela Metafísica*⁷, na qual ele desenvolve uma crítica mais estruturada à metafísica e suas provas suprassensíveis. Nessa obra, Kant expõe seu ceticismo em relação ao conhecimento metafísico e argumenta que a metafísica tradicional, baseada em provas e especulações suprassensíveis, carece de fundamentação racional sólida.

Essas obras, juntamente com outras publicações e escritos de Kant nesse período, marcam o início de sua transição para uma abordagem *Crítica* da metafísica e um questionamento mais profundo das provas ontológicas e suprassensíveis para a existência de Deus.

Assim, antes de adentrarmos na análise da obra da **RVG**, cremos ser de suma importância situar onde a discussão sobre a religião está alicerçada no pensamento de Kant. Para isso, vamos compreender melhor esse contexto à luz das suas perguntas fundamentais do filósofo de Königsberg.

2. As perguntas fundamentais de Kant

As três perguntas fundamentais de Immanuel Kant – “O que posso saber?”, “O que devo fazer?” e “O que me é permitido esperar?” – refletem as principais preocupações filosóficas do filósofo alemão.

A primeira pergunta, “O que posso saber?”, é a pergunta epistemológica básica de Kant. Ele estava interessado em descobrir até que ponto podemos ter conhecimento verdadeiro e justificado sobre o mundo. Em suas obras, Kant argumenta que o conhecimento humano é limitado pela estrutura da mente humana e pelas limitações da experiência sensorial. Ele também defendeu a ideia de que o conhecimento verdadeiro

⁶ Cf. **NG** – Versuch, den Begriff der negativen Größen in die Weltweisheit einzuführen – *Ensaio para Introduzir a Doutrina Racional dos Dogmas Metafísicos* (AA 02).

⁷ Cf. **TG** – Träume eines Geistersehers, erläutert durch die Träume der Metaphysik – *Sonhos de um Visionário Explicados pela Metafísica* (AA 02).

deve ser baseado em *juízos sintéticos a priori*, que começam com a experiência, mas não se limita à ela, sendo fruto da ação das faculdades do conhecimento como a sensibilidade, o entendimento e a razão na produção do fenômeno.

A segunda pergunta, “O que devo fazer?”, é a pergunta ética fundamental de Kant. Ele estava interessado em estabelecer uma base racional para a moralidade. Em suas obras, Kant argumenta que a moralidade deve ser baseada em um imperativo categórico, que é uma lei moral universal que se aplica a todos os seres racionais. Esse imperativo exige que ajamos de acordo com o respeito pela *dignidade humana* e não tratemos as pessoas como meros meios para alcançar nossos *fins*⁸.

A terceira pergunta, “O que me é permitido esperar?”, é a pergunta metafísica básica de Kant. Ele estava interessado em descobrir se há algo além do mundo material que podemos ter esperança de alcançar. Em suas obras, Kant argumenta que a razão humana é incapaz de alcançar conhecimento sobre a existência ou inexistência de Deus, da alma e do livre arbítrio, e que essas questões devem ser deixadas para a fé e as crenças pessoais.

Essas perguntas fornecem uma estrutura útil para explorar as preocupações filosóficas centrais de Kant e para compreender sua abordagem inovadora para questões epistemológicas, éticas e metafísicas.

Nesse sentido, podemos nos perguntar: a questão sobre a religião adentra no universo de qual dessas questões? Ora, antes de responder à essa pergunta, se faz necessário ainda abordar alguns pontos polêmicos em torno do tema da Religião em Kant e sobretudo de sua principal obra sobre o assunto.

3. Polêmica em torno da publicação da obra *Religião nos limites da simples razão*

A publicação de *A Religião nos limites da simples Razão* de Kant enfrentou dificuldades devido à censura imposta pelas autoridades governamentais da época. O Ministério de Ensino e Cultura, liderado por J. Christoph Wöllner, emitiu um edito que

⁸ Kant apresenta três formulações fundamentais do imperativo categórico em sua ética. Cada formulação oferece uma perspectiva diferente sobre a natureza do imperativo categórico e sua aplicação ética. As três formulações são as seguintes: *Formulação da Lei Universal*: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal” (GMS 04); *Formulação do Fim em Si Mesmo*: “Age de tal modo que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio” (GMS 04); *Formulação do Reino dos Fins*: “Age como se estivesses, por meio de tua máxima, em toda a tua vontade, legislando num reino universal dos fins” (GMS 04).

resultou na censura de todas as publicações impressas na Prússia, com o objetivo de conter o avanço do movimento Iluminista.

No entanto, Kant não se intimidou com o ambiente sombrio que se delineava ao seu redor e desejava tornar público seu texto *Sobre o Mal Radical na Natureza Humana*⁹. O texto foi enviado para aprovação do censor G. F. Hillmer (indicado de Wöllner), que o aceitou para publicação, embora tenha feito a justificativa de que o referido texto estaria direcionado apenas aos “eruditos de espíritos mais sábios”. Essa primeira parte foi publicada em 1792 na *Berlinische Monatsschrift*¹⁰.

No entanto, a segunda parte do texto, justamente por ser considerada pertencente à teologia bíblica, enfrentou problemas com a censura. O censor teológico Hermes embargou sua publicação, alegando que estava dentro de sua jurisdição, e em uma carta a Stäudlin, Kant relatou o incidente, afirmando que devido à censura da comissão local, somente a primeira parte pôde ser publicada.

Vale lembrar, como bem assinala Letícia Machado Spinelli¹¹, que Kant tinha a intenção de publicar os quatro textos que posteriormente vieram a constituir a obra **RGV** em forma de artigo, mas o problema com a censura o fez mudar de planos.

Apesar dessas dificuldades, Kant não desistiu de publicar seu texto e agiu com astúcia reunindo os dois artigos destinados à *Monatsschrift*, juntamente com outros dois ensaios planejados como continuação, e os submeteu à impressão em forma de livro com o título *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft* (*A religião nos limites da simples razão*). Antes da publicação, ele consultou a *Faculdade de Teologia de Königsberg* para determinar se sua obra possuía teor “teológico bíblico”, mas recebeu uma resposta negativa.

Kant, então, encaminhou seu livro para a *Faculdade de Filosofia de Jena*, que aprovou a impressão da obra. Apesar da publicação, a intervenção do governo não trouxe

⁹ *Über das radicale Böse in der menschlichen Natur*. Esse texto veio a constituir mais tarde na primeira parte do texto da **RGV** (AA 06 – *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft* – *A religião nos limites da simples razão*).

¹⁰ A *Berlinische Monatsschrift*, também conhecida como *Revista Mensal de Berlim*, foi uma revista cultural e filosófica publicada na cidade de Berlim, Alemanha, durante o século XVIII. Foi fundada em 1783 por Johann Erich Biester e Friedrich Gedike, dois intelectuais alemães influentes na época. A revista tinha como objetivo fornecer um espaço para o debate intelectual e a discussão de temas relevantes da época, abrangendo uma ampla gama de assuntos, como filosofia, política, literatura, história e ciência. A *Berlinische Monatsschrift* foi uma das principais publicações da época e atraiu a participação de renomados pensadores e escritores.

¹¹ SPINELLI, Letícia Machado. *A Religião nos limites da simples razão. Kant e-Prints*, Campinas, série 2, v. 8, n.1, p. 127-151, jan./jun. 2013. Disponível em: www.de.unicamp.br/eprints/index.php/kant-e-prints/article/view/437/339. Acessado em 25 jul. 2023.

tranquilidade para Kant, pois ele se comprometeu a não mais tratar de questões relacionadas à *religião* a pedido de Frederico Guilherme II. No entanto, Kant entendeu que sua promessa estava limitada ao reinado de Frederico-Guilherme II, e com a ascensão de Frederico-Guilherme III, ele não hesitou em retomar a abordagem de temas relacionados à religião.

Uma outra polêmica em torno dessa obra foi em relação à sua recepção. Após a publicação de **RGV**, Kant enfrentou dificuldades quanto à recepção de sua obra entre os eruditos da época, sendo notáveis as críticas de figuras como Goethe e Herder. Em uma carta a Herder datada de 7 de junho de 1793, Goethe fez um comentário famoso, afirmando que Kant havia manchado seu manto filosófico com a mancha do *mal radical*.

Essa estranheza diante do novo texto de Kant derivava do fato de que a questão do *mal radical* era considerada como algo externo a todo o resto da doutrina kantiana. Além disso, a admissão da existência de um mal radical na natureza humana confrontava diretamente os princípios da *Aufklärung*, dos quais Kant era um grande expoente. A temática do texto, juntamente com sua forma de exposição, foi considerada (e ainda é considerada por muitos) como destoante do conjunto da produção kantiana, com a alegação de que isso se devia à avançada idade do autor na época, que tinha 68 anos.

É importante ressaltar que o estranhamento sobre isso possui uma explicação, pois Kant não tinha tratado dessa temática ainda nos seus escritos anteriores. Alguns comentadores designaram esse texto da **RGV** como uma obra de *antropologia moral*, por não se tratar de uma obra sobre a moralidade especificamente, mas sim das condições de moralização no homem a partir da investigação das noções de bem e mal que desempenham um papel fundamental na sua argumentação.

4. O que me é permitido esperar e a preocupação com a religião

Na obra *Immanuel Kant* de Otfried Höffe¹², um dos temas importantes abordados é a visão de Immanuel Kant sobre a religião. Kant aborda a questão da religião no contexto de sua filosofia moral e ética, oferecendo uma perspectiva única e influente sobre o assunto.

Kant reconhece a importância da religião como uma dimensão fundamental da vida humana, mas sua abordagem difere das concepções tradicionais de religião baseadas na

¹² Cf. HÖFFE, Otfried. *Immanuel Kant*. Trad. Christian Viktor Hamm, Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

revelação divina. Para Kant, a religião é uma questão que deve ser tratada pela razão prática, em vez de depender de dogmas ou autoridades externas.

Kant propõe uma forma de *religião* baseada na *moralidade*. Ele argumenta que a religião verdadeira deve estar em conformidade com a razão prática e com os princípios morais universais. Para Kant, a religião deve ser uma busca pessoal pela *virtude* e pelo cumprimento do *dever moral*, e não uma adesão cega a doutrinas religiosas específicas.

Essa abordagem kantiana da religião é muitas vezes chamada de *religião moral* ou *religião dentro dos limites da mera razão*. Kant enfatiza que a religião moral é uma questão pessoal e subjetiva, e que cada indivíduo deve encontrar sua própria maneira de vivenciá-la dentro dos princípios racionais e morais.

Otfried Höffe, em sua interpretação de Kant, destaca a importância da religião moral como uma maneira de unir as dimensões práticas e transcendentais da vida humana. Ele argumenta que a religião moral proposta por Kant oferece uma base sólida para a ética e a filosofia política, fornecendo uma orientação moral universal e uma visão de mundo coerente. Nesse sentido, a religião moral kantiana tem implicações sociais e políticas significativas. Ela promove o *respeito mútuo*, a *dignidade humana* e a *justiça* nas relações entre os indivíduos e na organização da sociedade como um todo. Através da *religião moral* é possível alcançar uma *ordem social* mais *justa e harmoniosa*, baseada em princípios morais compartilhados¹³.

Além disso, Höffe destaca que a *religião moral* kantiana também pode ser vista como uma resposta ao desafio da secularização. Em um contexto em que as instituições religiosas tradicionais estão perdendo influência, a *religião moral* oferece uma base ética independente da religião organizada. Ela permite que os indivíduos encontrem significado e orientação moral em suas vidas, mesmo sem uma adesão estrita a doutrinas religiosas específicas¹⁴.

Ao destacar a visão de Kant sobre a religião moral, Höff¹⁵e ressalta a importância de *fundamentar a religião em princípios racionais e morais universais*. Essa abordagem permite que a religião seja compreendida e vivenciada de uma forma que seja coerente com a razão e compatível com uma sociedade pluralista.

¹³ Cf. HÖFFE, Otfried. *Immanuel Kant*. Trad. Christian Viktor Hamm, Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*.

Essa perspectiva oferece uma alternativa à *religião tradicional* e destaca a importância de uma *ética racional* e da busca da virtude como elementos centrais da experiência religiosa.

5. Análise da obra **RGV** - *Religião nos limites da simples razão*

A obra **RGV**, escrita por Immanuel Kant, representa uma importante contribuição para o campo da *filosofia da religião*. Publicada em 1793, essa obra aborda a complexa relação entre *religião, fé e razão*, bem como oferece uma análise da natureza da religião dentro dos limites estabelecidos pela razão humana.

O contexto em que a obra foi escrita é fundamental para compreender sua importância e relevância. Kant viveu em uma época marcada pelo Iluminismo, um movimento intelectual que enfatizava a primazia da razão e da ciência na compreensão do mundo. No entanto, o Iluminismo também trouxe consigo uma crítica à *religião institucionalizada* e ao *dogmatismo*, levando a questionamentos sobre a validade da fé religiosa.

Em **RGV**, Kant busca conciliar a *razão* e a *religião*, argumentando que a religião pode ser compreendida dentro dos limites da razão humana. Ele propõe que a religião não deve ser baseada em dogmas e revelações sobrenaturais, mas sim na moralidade e na busca por um dever moral.

Um dos principais argumentos de Kant na obra é que a religião autêntica deve estar fundamentada na razão prática, ou seja, na *vontade moral*. Ele defende que a verdadeira religião não depende de doutrinas teológicas específicas ou experiências místicas, mas sim da capacidade do ser humano de agir moralmente, de acordo com o princípio do dever. Para Kant, a moralidade é a essência da religião, e a fé é a confiança na possibilidade de alcançar a virtude e o bem supremo por meio da ação moral.

Kant também explora a *natureza da religião* dentro dos limites estabelecidos pela razão. Ele argumenta que a religião não deve buscar conhecer e compreender Deus em termos metafísicos, pois isso está além das capacidades da razão humana. Em vez disso, a religião deve se concentrar na *prática moral* e na relação do indivíduo com a *comunidade ética*.

Outra tese importante de Kant é a crítica à idolatria e aos rituais vazios. Para ele, a verdadeira religião não consiste em meras práticas externas, mas em uma disposição

interna de caráter moral. A religião autêntica não exige rituais elaborados ou sacrifícios, mas sim uma relação direta e pessoal com o dever moral.

Desse modo, a obra *RGV* está estruturada em quatro partes. A saber, na primeira parte, Kant examina a existência do mal e sua origem na natureza humana. Ele argumenta que o mal é uma tendência inerente ao ser humano, uma perversidade radical que está presente em cada indivíduo. Na segunda parte Kant discute a luta entre o princípio bom e o mau na natureza humana. Ele explora a batalha interna entre a razão moral e as inclinações egoístas, ressaltando a importância de cultivar a virtude e fortalecer o princípio bom dentro de nós. Na terceira parte, Kant aborda a ideia de um triunfo do princípio bom sobre o mau e a possibilidade de estabelecer um Reino de Deus na Terra. Ele enfatiza a importância da ação moral e da busca coletiva pela virtude para alcançar uma sociedade justa e harmoniosa. Na última parte, Kant aborda a questão do serviço verdadeiro e do pseudo-serviço sob o domínio do princípio bom. Ele critica a exploração da religião e do clericalismo como meios de controle e manipulação das pessoas, defendendo a importância de uma religião moral baseada na razão e na liberdade.

5.1 O mal radical

Kant, na primeira parte da *RGV*, procura investigar não apenas a origem do mal, mas, também, como a perversidade radical presente na natureza humana se manifesta. Kant empreende uma reflexão profunda sobre a condição humana, argumentando que o mal não é apenas uma mera influência externa, mas uma tendência inerente e intrínseca à humanidade como um todo. Ao explorar essa temática, Kant desafia concepções simplistas do mal, buscando compreender suas raízes profundas e sua presença arraigada na natureza humana. Por meio de suas reflexões, ele lança luz sobre as complexidades e contradições da existência humana, abrindo caminho para uma discussão mais ampla sobre ética, moralidade e a busca do bem.

Kant argumenta que o mal não é simplesmente o resultado de ações individuais isoladas, mas é uma tendência fundamental presente em todos os seres humanos. Ele descreve essa tendência como uma propensão egoísta e egocêntrica que está em constante conflito com o princípio do dever moral. Essa inclinação egoísta nos leva a agir de acordo com nossos desejos pessoais e interesses, em detrimento dos princípios morais universais.

Além disso, Kant destaca a luta interna entre o princípio bom e o princípio mau dentro de nós. Ele argumenta que essa luta é uma parte inevitável da condição humana e que o

mal só pode ser superado pelo triunfo do princípio bom sobre o mau. Essa vitória não ocorre de forma fácil ou automática, mas exige um esforço constante e consciente para agir de acordo com os princípios morais.

Kant propõe a ideia de que a religião desempenha um papel importante nesse processo de superação do mal radical. Ele defende a ideia de um *Reino de Deus na Terra*, no qual os indivíduos agem de acordo com a *lei moral universal*. A religião, nesse sentido, serve como um guia moral e uma fonte de inspiração para superar as inclinações egoístas e viver de acordo com os princípios morais.

5.2 Da luta do princípio bom com o mau pelo domínio sobre o homem

Na segunda parte da obra, intitulada *Da luta do princípio bom com o mau pelo domínio sobre o homem*, Kant direciona sua atenção para a batalha interna que ocorre na natureza humana entre o princípio bom e o mau. Ele explora a luta entre a razão moral e as inclinações egoístas, destacando a importância de cultivar a virtude e fortalecer o princípio bom dentro de nós.

Kant reconhece que somos seres dotados de razão e, ao mesmo tempo, sujeitos a inclinações e desejos egoístas. Essas inclinações podem nos levar a agir em desacordo com a lei moral universal e a violar nossos deveres éticos. No entanto, Kant argumenta que a razão moral, embora muitas vezes enfraquecida pelas inclinações, possui o potencial de dominar e controlar essas tendências egoístas: a batalha constante dentro do ser humano entre as tendências pessoais e a lei moral é ininterrupta e só pode ser controlada, mas nunca totalmente suprimida.

Para Kant, a luta entre o princípio bom e o mau é uma parte intrínseca da natureza humana. Ele reconhece que nem sempre é fácil resistir às tentações e agir de acordo com a razão moral. No entanto, ele enfatiza a importância de cultivar a virtude e fortalecer o princípio bom por meio de um esforço constante de *autodisciplina* e *autotransformação*.

Nesse processo de luta e autotransformação, Kant destaca a necessidade de um constante exercício da vontade para resistir às inclinações egoístas e seguir a voz da razão moral. Ele argumenta que é através desse esforço pessoal e da busca pela virtude que podemos alcançar uma maior harmonia entre o princípio bom e o mau dentro de nós.

Kant ressalta que essa batalha interna não é uma luta solitária, mas uma tarefa compartilhada por todos os seres humanos. Ele enfatiza a importância de formar comunidades éticas que promovam a prática da virtude e apoiem uns aos outros nesse

caminho de autotransformação. Para Kant, é por meio desse esforço coletivo que podemos construir um mundo onde o princípio bom prevaleça sobre o mau e onde o domínio ético sobre nós mesmos seja alcançado.

Ao reconstruir os passos seguidos por Kant na segunda parte da obra **RGV** podemos compreender sua ênfase na luta interna entre o princípio bom e o mau na natureza humana. Ele nos convida a refletir sobre a importância de cultivar a virtude, fortalecer o princípio moral e buscar o autodomínio ético como uma forma de alcançar uma vida em conformidade com a razão moral.

5.3 O Reino de Deus na terra

Na terceira parte da obra, intitulada *O triunfo do princípio bom sobre o mau e a fundação de um Reino de Deus na Terra*, Kant explora a ideia de um possível triunfo do princípio bom sobre o mau e a busca por estabelecer um Reino de Deus na Terra. Ele ressalta a importância da ação moral e da busca coletiva pela *virtude* como caminhos para alcançar uma sociedade justa e harmoniosa.

Kant argumenta que a ação moral é fundamental para a construção de um mundo melhor. Ele acredita que, por meio do exercício constante da *razão prática* e da adesão aos princípios éticos, podemos superar as inclinações egoístas e agir de acordo com a lei moral universal. Essa ação moral não se limita apenas ao âmbito individual, mas também tem implicações sociais e políticas.

Para Kant, a busca coletiva pela virtude e pela ação moral é essencial para estabelecer um *Reino de Deus na Terra*. Ele utiliza a expressão *Reino de Deus* para se referir a uma sociedade em que os princípios morais são valorizados e praticados por todos os indivíduos. Esse Reino de Deus não é uma entidade sobrenatural, mas sim um *ideal ético* a ser alcançado pelos seres humanos. Uma religião genuína é aquela que se baseia na moralidade, promovendo a liberdade e a razão, em oposição a uma instituição clerical que busca o poder e a submissão.

Kant ressalta que a construção desse Reino de Deus na Terra requer a participação ativa de todos os membros da sociedade. Cada indivíduo deve se esforçar para cultivar a virtude e agir de acordo com a razão moral em todas as áreas de sua vida. Além disso, a cooperação e a solidariedade entre os indivíduos são fundamentais para criar uma sociedade baseada em princípios éticos e valores compartilhados.

No entanto, Kant reconhece que a realização plena desse Reino de Deus na Terra pode ser um objetivo inatingível. Ele admite que existem limitações humanas e que sempre haverá a presença do mal e da imperfeição na realidade. Mas, isso não deve desencorajar os esforços individuais e coletivos para buscar a virtude e estabelecer uma sociedade mais justa e ética.

5.4 Religião e clericalismo

Na quarta parte da obra, intitulada *Do serviço e pseudo-serviço sob o domínio do princípio bom ou de religião e clericalismo*, Kant aborda a questão do serviço verdadeiro e do pseudo-serviço no contexto da influência da religião e do clericalismo sobre as pessoas. Ele critica veementemente a exploração da religião como um meio de controle e manipulação, defendendo a importância de uma religião moral baseada na razão e na liberdade.

Kant questiona a natureza do serviço genuíno e ressalta que ele deve ser livremente escolhido e fundamentado na razão prática. Ele argumenta que o verdadeiro serviço está em agir de acordo com os princípios éticos e morais, em cumprir os deveres para com a humanidade e em buscar o bem comum. Esse serviço genuíno não deve estar sujeito a interesses egoístas ou à manipulação por parte de instituições religiosas ou líderes clericalistas.

Em contrapartida, Kant denuncia o pseudo-serviço, que é motivado por interesses egoístas, controle externo ou crenças irracionais. Ele critica a exploração da religião como uma ferramenta de poder e dominação, na qual as pessoas são subjugadas por meio de dogmas e doutrinas que não são fundamentadas na razão prática. Para Kant, a verdadeira religião não deve estar sujeita a manipulações, mas deve ser baseada na autonomia moral e na liberdade de pensamento.

Nessa parte da obra, Kant faz uma análise crítica das instituições religiosas e do clericalismo, destacando a importância de uma religião moral que promova a autonomia individual e a liberdade de consciência. Ele argumenta que a religião deve ser uma busca pessoal pela verdade e pelo cumprimento dos princípios éticos, e não uma imposição externa que limite a liberdade de pensamento e ação. Em outras palavras, a religião autêntica é aquela que se fundamenta na ética, fomentando a liberdade e o pensamento racional, e não uma organização eclesiástica que almeje o domínio e a opressão.

Kant defende a ideia de que a religião verdadeira deve ser fundamentada na razão e na liberdade, buscando a moralidade e a justiça. Ele rejeita qualquer forma de coerção ou manipulação religiosa, enfatizando a importância da autonomia moral e da capacidade de pensar criticamente.

6. Diálogo com outras obras de Kant

Kant desenvolveu uma abordagem filosófica abrangente e consistente ao longo de sua carreira, explorando diversos aspectos da razão e da moralidade. Para uma compreensão mais completa de sua visão sobre a relação entre fé e razão, é importante considerar outras obras significativas, como a *Crítica da Razão Prática* (**KpV**).

Na **KpV**, Kant discute os postulados da razão prática, ou seja, os princípios fundamentais que a razão prática necessariamente assume para a ação moral. Embora essa obra se concentre na moralidade, ela também oferece insights valiosos para a discussão sobre fé e religião.

Uma das formulações mais conhecidas de Kant é o imperativo categórico, que estabelece a universalidade das máximas morais. Segundo Kant, devemos agir de tal forma que nossas ações possam ser transformadas em uma lei universal. Esse imperativo moral implica uma exigência de coerência e consistência entre nossas crenças e ações.

Quando consideramos a relação entre fé e razão à luz dessas formulações, podemos perceber que Kant enfatiza a importância de uma coerência racional na religião. Para ele, a religião deve estar em conformidade com os princípios da razão prática. Isso implica que a fé religiosa não pode se basear em dogmas ou crenças irracionais, mas sim em princípios racionais que possam ser universalizados.

Portanto, ao dialogar com a **KpV**, podemos ver como Kant estabelece uma base sólida para a relação entre fé e razão. A razão prática oferece critérios que nos ajudam a avaliar a validade da fé religiosa, buscando uma harmonia entre os princípios morais e as crenças religiosas. Essa abordagem kantiana ressalta a importância de uma reflexão crítica e racional na esfera religiosa, evitando cair em fundamentos cegos ou irracionais.

Ao explorar essas formulações e postulados presentes na **KpV**, podemos ampliar nossa compreensão da posição de Kant sobre a relação entre fé, razão e religião. Sua busca por uma fundamentação moral racional e coerente permeia seu pensamento filosófico, incluindo sua análise da religião nos limites da simples razão. A integração dessas obras

permite uma visão mais abrangente do projeto kantiano, revelando a interconexão entre ética, razão prática e reflexão religiosa.

6.1 Fé, razão e religião na *Crítica da razão pura*

Além da **KpV**, há outras obras de Kant que podem enriquecer a discussão sobre a relação entre fé, razão e religião.

A *Crítica da Razão Pura* (**KrV**) é uma das obras mais conhecidas de Kant, na qual ele investiga os limites e a estrutura da razão teórica. Embora essa obra se concentre principalmente na epistemologia, ela oferece elementos que se relacionam com a temática da fé e da religião. Em sua análise da razão pura, Kant estabelece os limites do conhecimento humano, argumentando que certos aspectos, como a existência de Deus, transcendem a capacidade da razão teórica de alcançar certezas. Essa abordagem ajuda a contextualizar a posição kantiana de que a religião deve operar dentro dos limites da razão prática, pois, para Kant, a razão teórica não pode fornecer provas definitivas em questões religiosas.

6.2 Fé, razão e religião na *Fundamentação da metafísica dos costumes*

A *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (**GMS**) é uma obra em que Kant explora os fundamentos da moralidade. Nessa obra, ele apresenta o conceito de autonomia moral, argumentando que a moralidade deriva da vontade autônoma que age de acordo com os princípios racionais. Essa noção de autonomia moral pode ser relacionada com a relação entre fé e razão. Kant argumenta que a moralidade não depende de revelações divinas ou de autoridades externas, mas sim da razão prática autônoma. Ao conectar essa ideia com a discussão sobre religião, pode-se explorar como Kant busca estabelecer uma base racional para a moralidade e como isso se relaciona com a compreensão da religião dentro dos limites da razão.

Considerações finais

A obra *Religião nos limites da simples razão* (**RGV**) de Immanuel Kant nos proporciona uma visão profunda sobre a relação complexa entre fé e razão. Ao longo

deste artigo, exploramos os principais pontos abordados por Kant, reconstruindo sua análise sobre a natureza da religião e sua conexão com a razão prática.

Reafirmamos a posição de Kant de que a religião deve operar dentro dos limites da razão, pois a razão teórica não pode fornecer provas definitivas em questões religiosas. Kant nos alerta sobre os perigos do dogmatismo e da exploração da religião como um meio de controle e manipulação. Ele nos convida a buscar uma religião moral baseada na autonomia individual e na liberdade de pensamento, em vez de aderir cegamente a doutrinas e dogmas.

Ao estudar as obras de Kant, podemos apreciar suas contribuições significativas para o tema mais amplo da fé e razão. Sua crítica da metafísica dogmática e sua defesa do uso da razão prática na esfera religiosa nos convidam a refletir sobre o papel da razão na compreensão da religião e na formação de uma ética baseada na liberdade e na moralidade.

Diante disso, sugere-se que pesquisas futuras se aprofundem nessa área, explorando as implicações da perspectiva kantiana para questões contemporâneas relacionadas à fé, religião e razão. Seria interessante investigar como os princípios kantianos podem informar discussões sobre diálogo inter-religioso, ética secular, pluralismo religioso e o papel da religião na esfera pública.

Em conclusão, o estudo da obra de Kant sobre a relação entre fé e razão nos convida a questionar dogmas, a buscar a autonomia moral e a promover uma religião fundamentada na razão e na liberdade. As ideias de Kant continuam a ser relevantes e provocativas, oferecendo um ponto de partida valioso para reflexões contemporâneas sobre o papel da fé e da razão em nossa vida individual e em nossa sociedade como um todo.

Referências

HÖFFE, Otfried. *Immanuel Kant*. Trad. Christian Viktor Hamm, Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KANT, Immanuel. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?* Trad. Vinicius Berlendis de Figueiredo. In: MARÇAL, Jairo. *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009. (AA 08).

KANT, Immanuel. *Die Metaphysik der Sitten*. Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2003. (Série Clássicos Edipro) (AA 06).

KANT, Immanuel. *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992. (AA 06).

KANT, Immanuel. *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007. (AA 04).

KANT, Immanuel. *Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht*. Trad. Rodrigo Novaes e Ricardo R. Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2016. (AA 08).

KANT, Immanuel. *Kritik der praktischen Vernunft*. Edição Bilíngue. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (AA 05).

KANT, Immanuel. *Kritik der reinen Vernunft*. Trad. de Manuela Pinto dos Santos, 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. (A 1781, B 1789).

KANT, Immanuel. *Kritik der Urteilskraft*. Trad. de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016. (AA 05);

KANT, Immanuel. *Pädagogik*. Trad. Francisco Cock Fontanella. 4. ed. Piracicaba: UNIMEP, 2004. (AA 09);

KANT, Immanuel. *Vorkritische Schriften II. 1757-1777*. Akademie-Ausgabe. Berlin, Walter de Gruyter, 1968. (AA 02).

SPINELLI, Letícia Machado. A Religião nos limites da simples razão. *Kant e-Prints*, Campinas, série 2, v. 8, n.1, p. 127-151, jan./jun. 2013. Disponível em: www.de.unicamp.br/eprints/index.php/kant-e-prints/article/view/437/339. Acessado em 25 jul. 2023.